

O que sabemos quando conhecemos uma palavra?

Otávio Goes de Andrade
Universidade Estadual de Londrina

Introdução

Saber uma palavra implica conhecer sua forma e seu significado, assim como seus possíveis sentidos a partir do estabelecimento de uma rede de relações com outras palavras, em virtude da experiência cotidiana com a língua em seus diferentes registros e canais. Além disso, saber uma palavra implica também conhecer as restrições no seu uso, do ponto de vista *morfo-sintático*, *léxico-semântico* e *pragmático-cultural*. No concernente à língua materna (LM), a consolidação do conhecimento lexical e a sua constante ampliação ocorrem pelo fato da LM estar naturalmente à disposição do falante. Com relação à aprendizagem de uma língua estrangeira (LE), o objeto de estudos não está à disposição do aluno de forma natural, muitas vezes o professor e o livro didático são as únicas fontes de *input* sobre o léxico para o aluno. Tendo em vista tais constatações, pretendemos discutir como se constitui o conhecimento lexical em LM e em LE, dando especial atenção a como brasileiros estudantes de espanhol constroem seu acervo lexical (“*lexicón mental*”) em língua espanhola. Para tanto, levaremos em consideração a questão da transferência lingüística, fenômeno que ocorre, por um lado, pela extrema proximidade entre o português e o espanhol e, por outro, pelas características culturais do brasileiro aprendiz de espanhol, assim como um recurso do qual disponibiliza o aprendiz, o qual podemos caracterizar como estratégia. Este trabalho abarca algumas das reflexões iniciais vinculadas ao projeto de doutoramento intitulado “O ensino do léxico em livros didáticos de espanhol como língua estrangeira para brasileiros: reflexões sobre o livro do aluno e o livro do professor”, que começou a ser desenvolvido no primeiro semestre de 2006, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, sob a orientação da Prof^a Dr^a Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão.

Entre a LM e a LE: a interlíngua

O processo interlingüístico é aquele no qual o aluno está inserido quando está aprendendo um novo idioma. Tal processo não é linear, há avanços e retrocessos, assim como a fossilização de determinados itens, e a LM protagoniza muitos dos fenômenos de interferência que ocorrem na aprendizagem do novo idioma. Uma postura interessante dos professores de LE seria a de não ter como meta o combate da interlíngua, na verdade, os professores de LE deveriam encará-la como um processo natural e gradual, cujo desenvolvimento depende sobretudo do esforço do aluno, já que a construção do conhecimento de um idioma não supõe apenas o acesso ao *input* recebido em sala de aula, mas também motivação e atitude pró-ativa no sentido de ir além para alcançar a meta de dominar um idioma que não é materno. Não obstante, o professor preparado deve aproveitar o conhecimento das características da interlíngua dos alunos proporcionando elementos para que a mesma seja de boa qualidade, para que se desenvolva de maneira mais cômoda, com o intuito de potencializá-la, não simplesmente para superá-la, pois, sob

certo aspecto, como não há domínio perfeito de uma LE, a interlíngua é um processo que acompanha o falante de uma língua não nativa pelo resto de sua vida¹.

Werner (2006, p. 210), afirma que existe uma série de métodos monolíngües dedicados ao ensino da língua espanhola que, além de não tomarem como tabu o uso ocasional da LM, também atribuem uma função específica ao emprego das respectivas línguas maternas dos aprendizes na sala de aula. Tais métodos não visam aplicar ingenuamente os resultados da Lingüística Contrastiva, como aqueles concebidos nos primórdios de dita ciência, mas sim visa partir de princípios comunicativos e interculturais. Nessa linha de pensamento encaixam-se as hipóteses fundamentais sobre as quais sustenta-se nossa proposta de tese. A primeira delas é a hipótese de que o ensino do léxico de um idioma não é a simples transposição do conhecimento léxico materno numa busca de equivalências palavra a palavra, mas sim que o processo de aprendizagem do léxico, a partir do primeiro contato com uma nova palavra, se dá em várias direções interdependentes, envolvendo processos e níveis de diferentes naturezas, englobando aspectos cognitivos e sensoriais, além do elemento cultural, que também perpassa dito processo. A segunda hipótese, a que versa sobre a transferência, é a de que o aluno transfere seus conhecimentos léxicos maternos para a nova língua que aprende, em específico do português para o espanhol, não apenas como estratégia ou hábito, mas também em virtude de seu olhar peculiar sobre o mundo, dado ter sido forjado culturalmente em língua portuguesa no Brasil. A perspectiva por nós adotada é positiva no que toca à LM, pois em última instância esse é o capital lingüístico com o qual o aluno negociará os novos significados lingüísticos com os quais se deparará na LE.

A estrutura mental do léxico

Com base nas duas hipóteses citadas anteriormente, assim como na visão mais tolerante no que concerne à influência dos conhecimentos lingüísticos maternos, a noção de “*lexicón mental*” é crucial ao pensarmos em um estudante de qualquer idioma estrangeiro, na medida em que tal conceito deixa claro como se estrutura o armazenamento e o entendimento das palavras em nossa mente. A partir desta etapa de nosso trabalho, daremos maior ênfase ao uso da expressão ‘unidade léxica’ em lugar de expressão ‘palavra’. Chamamos a atenção para esta questão pela trivialização característica da expressão ‘palavra’, geralmente associada apenas a um único item, comumente um substantivo. Para maior clareza e especificidade ao tratar do objeto ao qual nos referimos, a expressão ‘unidade léxica’ abarca todos os elementos que compõem o léxico² do idioma, tanto substantivos como adjetivos, assim como aquelas expressões com função gramatical específica, além das expressões idiomáticas e outras expressões cujas partes, se isoladas, não demonstrariam o sentido que demonstram quando estão em conjunto.

De acordo com Baralo (*apud* HIGUERAS, 2004, p.13), “*lexicón mental*” é a parte da competência lingüística que contém as peças léxicas formantes (raízes, temas, afixos

¹ Idéias abordadas durante a celebração do evento “Dicionários contrastivos bilíngües”, realizado em 13/10/06, ministrado pelo Prof. Dr. Reinhold Werner, eminente lexicógrafo da Universität de Ausburg (Alemanha). Agradeço à minha orientadora, Prof^a Dr^a Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão, pelo convite que me propiciou coordenar em conjunto com ela o referido evento.

² “[...] o léxico é constituído de elementos extremamente heterogêneos. Suas unidades constitutivas têm caráter e massa muito diversos, que vão desde um monossílabo [caso de muitos instrumentos gramaticais ou palavras-morfema] até unidades de tipo frasal como as EI.” (BIDERMAN, 1997, p. 75).

flexivos e derivativos, assim como as regras que regulam sua combinação), caracterizando-se como um conceito cognitivo, dinâmico e processual, diferente do conceito de ‘léxico’, como sinônimo de ‘vocabulário’, entendido como simples listagem de palavras, ou como uma organização de campos semânticos. De acordo com essa mesma autora, o “*lexicón mental*” é um construto que dá conta da capacidade criativa da linguagem e nos permite compreender e explicar os fenômenos de geração de novas palavras, que podem ser entendidas, processadas e recriadas de maneira inovadora, sem informação explícita, por qualquer falante nativo e, inclusive, por um falante não nativo da língua. Ainda de acordo com Baralo, faz sentido o uso do adjetivo ‘*mental*’, que numa análise superficial pode parecer redundante, mas na verdade o ‘*lexicón*’ é assim qualificado justamente para reforçar seu caráter cognitivo.

Como o perfil dos estudantes brasileiros de espanhol com o qual nos preocupamos pertence à idade adulta, seu “*lexicón mental*” materno já está maduro e em plena atividade em língua portuguesa e, de acordo com nossa hipótese, essa estruturação incide de maneira direta na construção do “*lexicón mental*” em língua espanhola³. O primeiro contato com uma palavra da LE que propiciamos ao aluno não é suficiente para que se consubstancie o “*lexicón mental*” em língua espanhola, posto que o uso de uma unidade léxica passa primeiramente por um processo de reconhecimento, eminentemente passivo, no qual se procura fixar tal unidade léxica, para então figurar entre as opções de produção do estudante, processo ativo, que implica o resgate e o uso de dita unidade léxica. São necessários muitos outros contatos esta mesma unidade léxica para que se criem suficientes informações sobre tal unidade. Tais contatos se dão mediante a revisão periódica do vocabulário visto em novos contextos, assim como pela conexão do vocabulário que o aluno já domina com o vocabulário que está aprendendo.

O que sabemos quando conhecemos uma palavra?

Os vários conhecimentos⁴ implicados no domínio de uma unidade léxica podem ser divididos entre três grandes aspectos, quais sejam, *aspectos morfo-sintáticos*, *aspectos léxico-semânticos* e *aspectos pragmático-culturais*, detalhados a seguir:

- Aspectos morfo-sintáticos

Saber uma palavra implica reconhecer uma forma e conseguir relacioná-la com outras formas de diferentes características, maneando de maneira fluida as diversas combinatórias e possibilidades que uma unidade léxica pode assumir em relação com outras.

- Aspectos léxico-semânticos

³ “[el estudiante] tiende a identificar el significado de las palabras antes desconocidas de la lengua que aprende con significados que conoce de su lengua materna o de otra lengua aprendida con anterioridad.” (WERNER, 2006, p. 219).

⁴ Binon e Verlinde (2000, p. 120) postulam que o conhecimento de uma unidade léxica se dá em cinco níveis: o *nível formal*, que implica reconhecer a unidade léxica que se ouve numa conversação, saber pronunciar-la e escrevê-la; o *nível morfológico*, que implica saber identificar os prefixos, os sufixos, ensinar o sistema de derivação e de composição; o *nível sintático*, que implica ensinar as diferentes construções e restrições sintáticas; o *nível semântico*, que implica compreender e ensinar o(s) significado(s) de uma unidade lexical no plano denotativo, conotativo, pragmático (os critérios de restrições e de seleção, o uso); a *competencia combinatória lexical*: que significa saber combinar as unidades léxicas, identificar sinônimos, os parônimos, etc.

Saber uma palavra implica transitar pela denotação e pela conotação, com total domínio das implicações lingüístico-culturais que determinam as relações entre as unidades léxicas envolvidas.

- Aspectos pragmático-culturais

Dominar uma unidade léxica implica saber onde, quando e com qual freqüência a mesma pode ser encontrada, sabendo interpretá-la, assim como saber onde, quando, com que freqüência pode ser usada.

Além dos aspectos acima arrolados, vale ressaltar que a imagem conectada à unidade léxica é de suma importância para seu resgate no “*lexicón mental*” e seu uso na produção do estudante, de acordo com Andrade e Durão (no prelo), pois o significado de uma mesma imagem em idiomas diferentes pode variar devido a fatores lingüísticos e culturais.

À guisa de conclusão

Como dissemos anteriormente, cabe ressaltar que não apreendemos os significados de uma unidade léxica de uma só vez. São necessários vários contatos⁵ (ou encontros) com uma mesma unidade léxica para que ela se consolide no “*lexicón mental*” da LE e para que, paulatinamente, a unidade léxica recém adquirida deixe de sofrer interferências do “*lexicón mental*” da LM.

Bibliografia

ANDRADE, Otávio Goes de; DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri. Texto e imagem no ensino do léxico do espanhol a brasileiros. Anais do V SELISIGNO, 2006, no prelo.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A unidade lexical e o lema do dicionário de língua. ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos; SOTO, Ucy; BERLINCK, Rosane de Andrade. (org.). *Corpo e voz*, Araraquara, SP: Curso de Pós-graduação em Letras, FCL – UNESP – Ar, 1997. p. 71-76.

BINON, Jean; VERLINDE, Serge. Como otimizar o ensino e a aprendizagem de vocabulário de uma língua estrangeira ou segunda?. LEFFA, Vilson J. (org.). *As palavras e sua companhia*. Educat: Pelotas, 2000.

HIGUERAS, Marta. Claves prácticas para la enseñanza del léxico. In: *Caravela*. n. 56, SGEL, Madrid, 2004.

LEFFA, Vilson J. Aspectos externos e internos da aquisição lexical. LEFFA, Vilson J. (org.). *As palavras e sua companhia*. Educat: Pelotas, 2000.

WERNER, Reinhold. El diccionario bilíngüe y la enseñanza del español como lengua extranjera. *Signun: Estud. Ling.*, Londrina, n. 9/1, p. 205-238, jun. 2006.

⁵ “O domínio do léxico de uma língua exige recursos, não só cognitivos e afetivos, mas também de tempo. Se parecer um investimento alto demais, a resposta dos especialistas da área é de que o retorno será provavelmente mais alto ainda.” (LEFFA, 2005, p. 38)